

Sr. Aureliano Chaves, longe está de atender à emenda constitucional promulgada pelo Congresso Nacional, de autoria do nobre Senador João Calmon, que reservou 13% do Orçamento Federal para o custeio da educação e da cultura brasileira. Os cálculos feitos deixam bastante claro que o Ministério da Educação e Cultura ainda tem muito a haver do Tesouro Nacional, no presente exercício, o que me parece que daria bastante para cobrir as reivindicações dos professores e funcionários em greve.

Sr. Presidente e Srs. Senadores:

Faço desta tribuna um apelo à Sr^a Ministra da Educação para não permitir que se deteriore, ainda mais, a Educação neste país. Refiro-me à Educação em geral, e não somente à Educação de nível superior das instituições autárquicas.

Não podemos permitir que essa política econômica suicida, cujos executores resistem até mesmo ao texto da Constituição — como é o caso agora no cumprimento da Emenda João Calmon. — liquide de vez com o que resta de Educação no país.

É por isso que, em nome do PMDB, renovo o apelo à Sr^a Ministra da Educação e expreso total e integral apoio à luta patriótica dos professores e funcionários das Instituições de Ensino Superior autárquicas do país.

Era o que tinha a dizer. (Muito bem! Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Moacyr Dalla) — Concedo a palavra ao nobre Senador Luiz Cavalcante.

O SR. LUIZ CAVALCANTE (PDS — AL. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

Apenas uma breve comunicação. Venho comunicar à Casa que a inflação, no Governo Figueiredo, já atingiu o patamar dos 6.000%. Na verdade, com os 8,9% de maio último, computada de 31 de março de 1979 a este 31 de maio, hoje, a inflação atingiu precisamente a 6,285%. Vemos, pois, que já foi ultrapassado de muito o recorde de 410%, que foi a quanto montou a inflação no Governo Geisel, nos cinco anos daquele período presidencial.

Já agora — me perdoem o sacrilégio — não há milagre que impeça, ao termo do atual governo, que a inflação atinja o patamar dos 10.000%. Isto numa hipótese de quem é partidário do Governo, porque se fosse o Senador Humberto Lucena, seu prognóstico iria a 12.000%, e talvez ainda errasse para menos.

O Sr. Humberto Lucena — Permite-me V. Ex^a um aparte?

O SR. LUIZ CAVALCANTE — Pois não, eminente colega.

O Sr. Humberto Lucena — A intervenção de V. Ex^a, nesta tarde, é da maior importância e esclarece melhor do que a resposta que dei no aparte do nobre Senador Jorge Kalume que exerce no momento a Liderança do PDS nesta Casa, quando S. Ex^a fez sentir que estaríamos conseguindo que a inflação regressisse, o que não é verdade. V. Ex^a está demonstrando com números que deixam a todos nós estarecidos, porque digo a V. Ex^a que, na verdade, sabia que a inflação crescia vertiginosamente, mas nunca tinha me dado o cuidado de fazer esse balanço que fez V. Ex^a dos anos do Governo Figueiredo, para chegar a esta conclusão melancólica de que a inflação, nesse período administrativo, ultrapassou a casa dos 6.000%, quando no Governo Geisel ultrapassou apenas 400%. E veja bem, V. Ex^a, que é o Governo Figueiredo que tem, diante da crise, inclusive, em face dos acusados do Brasil com o Fundo Monetário Internacional, adotado as medidas mais rígidas na chamada política monetarista ortodoxa. Sabe V. Ex^a que os salários foram achados ao máximo, a classe média perdeu praticamente o seu poder aquisitivo; por outro lado, foi feita pelo menos uma tentativa do que se chama tecnicamente

de enxugamento do déficit público, fazendo com que as estatais paralisassem os seus investimentos e cumprissem as suas despesas de custeio. Mas nada disse trouxe o efeito positivo, no que tange ao combate à inflação. Portanto, preciso uma investigação bem mais profunda, nobre Senador Luiz Cavalcante, sobre esse assunto para verificarmos o que é que está havendo no País. A mim me parece, e não sou economista, que um dos fatores mais agravantes dessa situação é, sem dúvida alguma, essa ciranda financeira, a que se referiu o Senador Fernando Henrique Cardoso, do mercado financeiro brasileiro onde se colocam títulos e mais títulos diariamente, inclusive com correção cambial, que equivalem na prática a uma emissão forçada de papel-moeda. O Governo, para atender às exigências do Fundo, não emite o papel-moeda, mas emite os títulos para resgatar os títulos anteriormente vencidos. E, com isso, a desvalorização do cruzeiro cresce assustadoramente como bem demonstra V. Ex^a.

O SR. LUIZ CAVALCANTE — Muito obrigado, eminente colega. V. Ex^a disse que é preciso investigar o que está ocorrendo. A meu ver, o que está ocorrendo — usando um jargão popular — “está na cara”; é a manutenção dos fracassados comandantes da política econômica do Governo; e a falta de credibilidade deles, aludida ontem, pela enésima vez, pelo tão austero quanto saudoso Ministro Otávio Gouveia de Bulhões.

O Sr. Humberto Lucena — Aliás, consta pelo noticiário da imprensa que eles teriam sido liberados, durante a viagem à China, pelo Senhor Presidente da República, ainda não é uma confirmação, praz aos céus que isto aconteça. Mas, entendo, nobre Senador Luiz Cavalcante, que não bastaria apenas a substituição dos Ministros da área econômica, mas sim a modificação substancial da própria política econômica para que pudéssemos sair dessa situação.

O SR. LUIZ CAVALCANTE — Nobre Senador Humberto Lucena, tão logo, ao fim de cada mês, o Estado de S. Paulo publica o índice mensal da inflação, eu calculo a taxa acumulada no Governo Figueiredo. Assim é, que em janeiro deste ano, a inflação no atual Governo, computada desde 31 de março de 1979, atingiu a marca de 4.262%; ao fim de fevereiro, subiu para 4.796%; ao fim de março, elevou-se a 5.284%; ao fim de abril, alçou-se a 5.765%; e agora, em maio, ela emplacou 6.285%, precisamente. Vemos pois, Sr. Presidente e Srs. Senadores, que pelo menos uma prorrogação já ocorreu neste Brasil: a prorrogação da inflação.

Era o que tinha dizer. (Muito bem!)

O SR. PRESIDENTE (Moacyr Dalla) — Concedo a palavra ao eminente Senador Luiz Viana.

O SR. LUIZ VIANA (PDS — BA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

Solicitei a palavra para registrar nos Anais da Casa o falecimento, na Bahia, do professor Estácio de Lima. Era realmente uma das grandes figuras intelectuais do meu Estado, tendo exercido durante cerca de 50 anos, com grande brilho, a cátedra de Medicina Legal.

Conheci-o bem moço quando ele, irradiando cultura, inteligência, mocidade, veio do seu Estado, Alagoas, para prestar concurso na Faculdade de Medicina da Bahia na qual se formara anos antes. Foi um memorável concurso, numa época em que os concursos das faculdades superiores ainda enchiam de entusiasmo, de interesse quase toda a população da velha e então Capital. E durante todo esse tempo Estácio de Lima se manteve na estacada, integrando várias instituições culturais: Academia de Medicina da Bahia, Academia de Letras da Bahia e também Academia Nacional de Medicina, que presta-

va um preito de homenagem ao grande professor que foi durante toda a sua existência.

É portanto, uma grande perda para a cultura do meu Estado o desaparecimento do eminente professor que, aos títulos que possuía, ainda tinha o de antropólogo, tendo feito várias viagens à África, para estudos que publicou e que são hoje clássicos no domínio da cultura negra.

Sr. Presidente, quero, portanto, assim pedir licença à Casa para que fique consignada nos Anais a perda que a cultura baiana, que a cultura brasileira acaba de sofrer com o desaparecimento do eminente Professor Estácio de Lima.

O Sr. Nelson Carneiro — Permite V. Ex^a um aparte?

O SR. LUIZ VIANA — Concedo o aparte ao nobre Senador Nelson Carneiro, que também é meu contemporâneo e, também, tem lembranças do brilho com que o professor Estácio de Lima exerceu o magistério na Bahia.

O Sr. Nelson Carneiro — Realmente, é uma perda para a cultura baiana e para a ciência inestimável, Sr. Presidente. Ao falecer aos 84 anos, deixa o professor Estácio de Lima uma larga tradição de serviços à Bahia, à cultura e à ciência e, principalmente, criou um grupo de seguidores que continuarão a sua obra, honrando seu nome e exaltando a sua memória. A palavra do Senador Luiz Viana, certamente, já deu à Casa o conhecimento dessa figura invulgar que escolheu a Bahia para ser a sua terra e a viveu até os últimos instantes de sua vida.

O Sr. Jorge Kalume — Permite V. Ex^a um aparte?

O SR. LUIZ VIANA — Com muito prazer.

O Sr. Jorge Kalume — Em nome da Liderança da Maioria, queremos-nos associar a esta justa homenagem que V. Ex^a está prestando a um dos ilustres filhos da Bahia e dizer-lhe que Estácio de Lima soube em vida honrar a cultura baiana, soube em vida engrandecer o Brasil. Dai porque nós estamos aqui, neste momento, reverenciando a sua memória, associando-nos às suas palavras. Muito obrigado, nobre Senador.

O SR. LUIZ VIANA — Agradeço a V. Ex^a, como agradeço ao Senador Nelson Carneiro, as palavras que acaba de proferir, associando-se ao pesar da minha terra pelo desaparecimento de uma das grandes figuras da sua inteligência e da sua cultura, o Professor Estácio de Lima.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Moacyr Dalla) — Concedo a palavra ao nobre Senador Nelson Carneiro, para uma breve comunicação.

O SR. NELSON CARNEIRO (PT — RJ. Para uma comunicação. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

Ao registrar, com imenso pesar, o desaparecimento inesperado do Embaixador Lucillo Hudock Lobo, barbaramente assassinado há dois dias, no Rio de Janeiro, quero renovar o apelo que aqui tenho feito às autoridades do Estado, em favor de uma atuação mais eficiente para conter a onda crescente do crime na antiga Capital da República.

Ao lado desse trágico acontecimento, que não é o primeiro, nem o décimo, nem o vigésimo que ocorre na Cidade do Rio de Janeiro, em suas ruas mais movimentadas, ainda registrar a mobilização que marcou a invasão de um edifício na Avenida Rui Barbosa, com o assalto a várias residências, inclusive a do nosso antigo colega, o eminente homem público, Deputado Gustavo Capane-